

ESTUDO SOBRE O CARDEAL DE RICHELIEU E A POLÍTICA EXTERNA DO REINADO DE LUÍS XIII. – Blanca de Araújo Martin Récio, Lélío Luiz de Oliveira – História – História – Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca.

Esta pesquisa tem por intenção analisar a política externa desenvolvida pela França durante o período de 1624 à 1642, quando foi governada pelo Primeiro- Ministro Armand Jean du Plessis, Cardeal-Duque de Richelieu.

Sua importância se justifica por ser esse um período conturbado da História Moderna, quando foram decididos os rumos de várias das grandes nações européias, e onde se consolidou o Absolutismo em França, que alcançou seu auge com Luís XIV. A França, que durante o reinado de Henrique IV (1589 – 1610) fora a defensora das nações pequenas contra a agressão espanhola, viu-se reduzida ao papel de satélite durante o período entre a morte de Henrique IV (1610) e a maioridade de Luís XIII (1617).

Duas entre as famílias reinantes européias se destacavam sobre as demais durante o período: a dinastia dos Habsburgo, que dominava a Espanha, Áustria, partes da Itália e parte da Holanda, e a dinastia Bourbon que governava a França. O território francês tinha fronteiras, em todos os lados com a dinastia dos Habsburgo.

Os principais projetos políticos dos governantes Habsburgo constituíam uma unidade notável. O reino da Espanha se empenhara nos últimos sessenta anos numa luta para reconquistar as províncias rebeldes do norte da Holanda. A posse dessas províncias, que se haviam constituído numa potência protestante independente, no último século, sob o governo do príncipe de Orange, Guilherme, o Silencioso, era essencial para o bem-estar da Coroa espanhola: representavam uma importante fonte de renda e controlavam o Canal da Mancha, de onde lhe seria possível neutralizar o crescente poderio marítimo da Inglaterra.

A crescente pressão contra os holandeses era também uma ameaça aos franceses que, com uma poderosa Alemanha dos Habsburgo no leste, bem como uma poderosa Espanha também Habsburgo ao sul, corria o perigo de se ver cercada. Esses vizinhos mais cedo ou mais tarde se sentiriam com força bastante para intervir na própria França, o que poderia terminar, talvez, com a absorção completa da dinastia dos Bourbon, e com ela, do reino da França.

Desse modo, logo que subiu ao poder, Richelieu começou a reorientar, cautelosamente as alianças francesas, para reunir os inimigos potenciais dos Habsburgo. Esses inimigos potenciais eram, naturalmente, os países protestantes menores que viam com extrema preocupação a busca dos Habsburgo por uma Europa unificada e católica.

Os aliados naturais, portanto, que Richelieu buscou para a França contra a Espanha, eram os holandeses, os príncipes alemães, a república de Veneza, a Confederação Suíça e os reis da Suécia e Dinamarca. A potência protestante da Inglaterra, que a princípio parecera valer a pena conquistar mesmo ao preço de uma princesa francesa, acabou sendo inútil, como amigo ou adversário. Richelieu não podia esperar, para realizar sua política, até ter construído um exército igual ao da Espanha. Precisava encontrar, até lá, outros meios de manter a posição da França. Prosseguiu, portanto, com a política iniciada em 1624: a de persuadir os outros príncipes de que deviam colocar seus exércitos a serviço dela.

O nosso ponto de vista, que norteia a pesquisa é dado pelas idéias do principal autor analisado – Cardeal de Richelieu - bem como nas propostas de outros políticos do período, sabendo-se que:

Os homens que escrevem em França obras políticas são na sua maioria práticos da própria política: monarcas, ministros, cortesãos ou dignitários da Igreja. Os livros de Richelieu, de Retz, de Luís XIV, de Bossuet, de Fénelon, nutrem-se da experiência dos autores, inspiram-se nos acontecimentos. (TOUCHARD p. 92, 2003).

Desse modo, é essencial a análise de autores contemporâneos, que vivenciaram a realidade barroca em que está inserido o contexto da nossa pesquisa.

Desses autores, utilizamos a obra de Victor L. Tapié, extremamente significativa para o estudo do tema tratado.

Além desse autor, as biografias sobre Richelieu, escritas por Louis Auchincloss e C. V. Wedgwood também são utilizadas em nossa pesquisa.

Esta pesquisa, de viés político, possui um cunho analítico do pensamento de Richelieu, confrontando as obras disponíveis para o período, entre elas “O Príncipe” de Maquiavel, e de comentadores como Bobbitt e Touchard.

Assim, durante o decorrer de nossa pesquisa, concluímos a importância do sujeito histórico singular, principalmente levando-se em conta o período em que esses fatos ocorrem, quando a política era feita por uma pequena minoria elitizada, que possuía o domínio das letras e, portanto, da cultura, quando a ideologia vigente deixava o destino dos povos nas mãos dessa elite.

Referências Bibliográficas

AUCHINCLOSS, Louis. **Richelieu**. Londres: Michael Joseph, 1973.

BOBBITT, Philip. **A Guerra e a Paz na História Moderna**. São Paulo, Editora Campus: 2003.

CARVALHO, Delgado de. **História documental moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: Record Cultural, 1977.

COOPER, J. P. (org.) **Historia del Mundo Moderno, vol. IV: La decadência Española y la Guerra de los Treinta Años**. Barcelona: Ramon Sopena, 1976

LADURIE, Emmanuel Le Roy, **O Estado Monárquico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MANDROU, Robert. **Francia en los siglos XVII y XVIII**. Barcelona: Labor, 1973.

RICHELIEU, Cardeal de. **Testamento Político**. São Paulo: Atena, 1978.

TOUCHARD, Jean. **História das Idéias Políticas. Vol. II: do Renascimento ao Iluminismo**. Mem Martins, Europa-América: 2003.

VILLARI, Rosario (org.) **O Homem Barroco**, Lisboa: Presença, 1995.

WEDWOOD, C. V. **Richelieu e a monarquia francesa**. Rio de Janeiro, Zahar Editores:1963.

Bolsa: PAE